

Casa de festas briga na Justiça para ficar no Lago



Maria Helena é uma das vizinhas que são contra festas na vizinhança

Nem remédios aliviam a insônia de alguns moradores do Lago Sul, como Maria Helena, da QL 20 conjunto 2. O problema da advogada não é falta de sono. Mas não conseguir dormir diante do barulho. Quem vive perto das mansões que promovem festas na região reclama: o alento só vem lá pelas tantas da madrugada, quando a farra de uns acaba e enfim começa o sossego de outros.

Maria Helena não é contra bailes e casamentos, mas contra o local onde são promovidos. Apesar de não haver lei que impeça que casas residenciais tornem-se comerciais, para contornar a situação e agradar vizinhos incomodados e donos de casas de festa, o administrador do Lago Sul, Marcelo Amaral, determinou, em julho passado, que os eventos só poderiam ser realizados se o promotor da festa conseguisse 100% de aprovação dos moradores do conjunto.

A idéia, segundo o próprio administrador, é “dificultar” festas com finalidade comercial. “Nossa intenção é que acabe o comércio em residência no Lago, mas deve haver tempo para que essas casas se instalem em outras localidades”, pondera Marcelo.

A Casa Colonial, motivo da insônia freqüente da advogada Maria Helena, não gostou da decisão. E entrou na Justiça com ação contra a administração do Lago Sul. “Temos 80% de aprovação dos moradores. Não achamos justo que a casa feche suas portas por causa da minoria”, desabafa Paulo César Amaral, genro da proprietária da Casa Colonial, Riza Vitória. A audiência na 3ª Vara de Fazenda Pública do Tribunal de Justiça, que vai decidir sobre a peleja, acontece amanhã, às 14h30.

Há, por outro lado, os que não se importam com as festas. “A gente sempre reconheceu a boa vontade dos donos da Colonial em não atrapalhar a vizinhança”,

diz uma moradora que vive no conjunto há quatro anos e não quis se identificar. “Incomoda é o karaokê do meu vizinho.”

A dona de casa Vera Lúcia, que vive na rua há 13 anos, também pondera. Moradora da primeira casa do conjunto, diz nunca ter tido transtorno. “Talvez quem esteja mais perto ouça o som das festas, mas não acho que todos os vizinhos reclamem da situação.”

O problema com a Casa Colonial foi o único que a Administração do Lago Sul não resolveu — até porque já corria na Justiça antes mesmo do administrador atual, Marcelo Amaral, assumir. A advogada Maria Helena e outra moradora do conjunto, Elizabeth Spinola, entraram com ação, no ano passado, contra a casa alegando o cumprimento da lei do silêncio do Código Civil, que proíbe barulho na vizinhança depois das 22h.

Ana Claudia Miziara, filha da proprietária da Casa Colonial,

alega que, ao contrário do que argumenta Maria Helena, além de liminar permitindo funcionamento, a Casa tem documento judicial que libera o cumprimento de qualquer contrato fechado — mesmo que este venha a ocorrer daqui a alguns anos.

“Temos proteção de som nas paredes, amplo estacionamento interno que impede que qualquer carro precise ficar nas ruas vizinhas e muita segurança”, acrescenta Ana Claudia.

A discussão sobre mansões do Lago Sul que são alugadas estritamente para cerimônias é antiga. No ano passado, Elenita Da Valle, proprietária da Mansão Elenita, na QI 15, preferiu deixar de promover festas ali e alugar sua casa para a Embaixada da Índia. “Resolvi não criar caso com os vizinhos antes que a história fosse parar na Justiça”, diz Elenita, que não perdeu o negócio. Continua promovendo eventos, só que em outros endereços. (CB)